



Blue, 2025

Foto: Flavio Freire

MARIA KLABIN – LÍNGUA D'ÁGUA, na Nara Roesler São Paulo

A artista faz sua primeira mostra individual em São Paulo, na qual apresenta mais de 80 obras inéditas e recentes, entre pinturas em óleo sobre tela, linho, papel vegetal e desenhos em nanquim, carvão ou guache sobre papel. O público pode ver também os desenhos retirados dos cadernos da artista, esboços e anotações, para acompanhar seu processo criativo

Com curadoria de Galciani Neves, “*Língua d’Água*” apresenta trabalhos criados pela artista, principalmente ao longo do ano, em pinturas e desenhos de tamanhos variados. O título foi retirado de uma frase dita por Maria Klabin à curadora: “*O pincel é como uma língua que lambe a tela, trazendo os ecos de algum lugar*”.

— *As pinturas de Maria se colocam de maneira simples; não é necessário fincar os pés nos diversos problemas filosóficos submetidos ao exame da razão. Mas apontam para algo que nos renderia um enorme efeito, se nos dedicássemos: o que aprenderíamos se repousássemos sobre os redemoinhos da percepção? Devaneando, devaneando...*



*Manhã,
2025*

Foto:
Flavio Freire

– *E se, ao invés de controlarmos as coisas, habitássemos seus mistérios, olhando-as bem de perto e de distintas longuras?*” – salienta Galciani Neves, no texto que acompanha a exposição. *“Em ‘Língua d’Água’, o exercício poético da artista segue por esses caminhos: a pintura inverte a ordem das coisas, muda o que vemos e como vemos – destaca a curadora.*

Como diz Maria Klabin, *“tendo a pintar as coisas que estão ali no meu entorno, e isso inclui as pessoas com quem tenho mais intimidade, que convivem comigo” – revela. “Tem épocas que eu pinto bastante fora do ateliê, em momentos de repouso, de lazer. Como são momentos de silêncio, a pessoa acaba dormindo” – explica ela, sobre o fato de, em suas pinturas, haver pessoas adormecidas. “Desde sempre, desde a adolescência, isso acontece. E eu acabei vendo coisas interessantes nesse processo de pintar pessoas adormecidas” – diz.*

ESPAÇO SEGURO PARA SE SENTIR VULNERÁVEL: CONDIÇÃO DA PINTURA

“A pessoa está ali totalmente entregue, e isso acontece justamente porque existe uma intimidade. A gente só

dorme na presença de alguém que nos observa quando estamos muito à vontade para essa entrega. E gosto de pensar no meu ateliê como uma extensão desses momentos: um espaço onde posso me sentir segura para ser vulnerável também. Tem uma vulnerabilidade que é inerente ao processo da pintura. Você está pintando e entra num outro lugar. O corpo está num lugar, mas você está em outro. Então você tem que se sentir seguro para dar esse salto – e o ateliê deve ser um lugar que acolha esse processo. Percebi que isso acontece também com as pessoas que eu pinto. Ali é como se elas fossem o pintor, e eu testemunha desse salto e dessa entrega. Acredito que a pintura e o sonho venham do mesmo lugar” – reflete a artista.

PAISAGEM QUE ME CERCA:

CAÇA CONSTANTE E SILENCIOSA

Nos trabalhos de Maria Klabin há paisagens, além de retratos. A artista comenta que usa a paisagem que a cerca, e que pode ser composta por objetos ou plantas, que também considera indivíduos. *“São as paisagens com que estou convivendo. Noto um conjunto de movimentos, de elementos, que posso usar na pintura, e*

esses elementos acabam sendo um ponto de partida para falar sobre algo mais internalizado e intuitivo do que exteriorizado, como estaria implícito numa paisagem”, observa. Fotografias também são utilizadas, mas servem como pistas para a artista falar de coisas da pintura e de um estado de espírito. “É um exercício compositivo também, de movimento, de pintura”.



When we all fall asleep, where do we go?, 2025

Foto: Flavio Freire

Maria Klabin conta que está olhando ao redor, procurando coisas que são um pouquinho estranhas, ou que são um pouquinho mais do que elas mesmas. *“É como*

se eu estivesse numa caça constante e silenciosa por coisas que parecem prontas pra se transformar em outras que sejam mais do que elas revelam para o mundo”.

A pintura *“Gal”* (2023), exibida antes apenas na individual da artista que Nara Roesler fez na feira *Frieze Los Angeles 2024*, faz parte da exposição. A artista explica que a obra integra *“Linha d’Água”* por ser a primeira obra em grande escala que ela produziu, com elementos mais alegóricos e oníricos. *“As paisagens grandes já tinham esses elementos, mas isso ficou mais evidente na ‘Gal’; e esta é uma coisa que eu explorei com mais foco nessa exposição – diz. “‘Gal’ foi criada durante a pandemia”, conta a artista. A obra nasceu a partir da imagem de sua cunhada, que estava grávida da sua sobrinha Gal.*

Estão ainda, na mostra, três retratos pequenos que Maria Klabin fez de Giacometti (1901-1966). Ao ver um vídeo com Giacometti esculpindo, a artista ficou encantada com o momento em que há um *close* do rosto do escultor. – *“O olho dele subia e descia; ia pro trabalho, para a pessoa, para a obra, para o sujeito, olhando para o objeto, olhando para o que ele estava fazendo – e havia uma bagunça em volta dele. Eu quis fazer três desenhos rápidos dele naquele estado. Isto entra na mesma discussão de ‘que lugar é esse em que está o artista?’ “Essa ponte, esse trânsito que o olho faz entre o inconsciente e o que está no mundo. Quero fazer mais – conta.*

ESTOU DESENHANDO O TEMPO TODO

A artista detalha que, junto com a curadora, decidiu incluir na exposição uma parede com desenhos – de todo tipo: arrancados do caderno, anotações, mais ou me-



3 da tarde, 2025

Foto: Flavio Freire

nos acabados. *“A ideia é mostrar ao público esse processo – porque eles (os desenhos) nasceram durante a construção dessas pinturas, e alguns são anteriores, mas também guardam uma relação com as obras mostradas”.*

“Língua d’Água” tem mais de quarenta desenhos, entre os mais de trezentos da artista. *“Estou desenhando o tempo todo. Desenho em casa. Se eu pego uma gripe, não venho para o ateliê, fico em casa desenhando. Às vezes acho que a minha pintura é muito mais desenho, porque estou mais ligada na linha e no processo, sem estudo prévio e sem preparo, num embate direto com a tela, com o plano e com o pincel. O desenho é muito*

rápido; ultrapassa o pensamento. Meu foco reside mais no gesto do que na relação com as cores. Claro, eu uso cor; faz parte de falar essa língua. Mas é nesse lugar, onde o desenho termina e a pintura começa, que me sinto melhor e gosto mais de estar – destaca Klabin.

LIVRO “MARIA K.” (2025, Nara Roesler Books)

Em fevereiro de 2026, durante a exposição, será lançado o primeiro livro dedicado à trajetória de Maria Klabin. O livro *“Maria K.”* (2025, Nara Roesler Books) terá 114 páginas, bilíngue (português e inglês), capa dura, com formato de 17,5 x 24,5 cm, e textos inéditos de Priscyla Gomes, Pollyana Quintella e apresentação de Luis Pérez-Oramas.

SOBRE MARIA KLABIN

A obra de Maria Klabin (1978, Rio de Janeiro) envolve cenas, ocorrências e paisagens permeadas pelo cotidiano – e, portanto, vistas e vivenciadas de forma exaustiva. Ao lidar com elementos onipresentes, Klabin extrai a cadência de sua recorrência, buscando captar o ritmo formal embutido na repetição, ou banalidade, de sua experiência. O processo da artista consiste em produzir e coadunar, constantemente, desenhos, fotografias e anotações que extrai de circunstâncias imediatas.

O acúmulo de pensamentos e imagens que se entrelaçam e integram um sentido unitário, revelam as intrigantes relações que constituem o centro das investigações pictóricas da artista. Em suas próprias palavras, Klabin desenvolve seu trabalho *“como se estivesse escrevendo uma história, ou um diário, mas um diário de coisas que não aconteceram realmente. É uma narrativa que pode ser contada apenas através da pintura,*

mas que aborda temas que parecem mais familiares para escritores do que para pintores” – explica.

Maria Klabin estudou Artes Visuais e História da Arte na *Brandeis University*, em Massachusetts, Estados Unidos, onde ganhou o prêmio *Susan May Green* de pintura. Em 2002, concluiu o mestrado na *Central Saint Martins – University of the Arts London*, em Londres. Exposições individuais recentes: *“Liquid Air”*, na Nara Roesler (2022), em Nova York, Estados Unidos; e *“Paisagem com Casinha”*, na Galeria Silvia Cintra (2021), no Rio de Janeiro, entre outras. Suas obras fazem parte de

importantes acervos institucionais, como o Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, e o Itaú Cultural, em São Paulo, Brasil.

SERVIÇO

“Maria Klabin – “Língua d’Água”

Até fevereiro de 2026

Nara Roesler São Paulo

Avenida Europa, 655, Jardim Europa, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2039 5454 | info@nararoesler.art

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábado, das 11h às 15h

Entrada gratuita

<https://nararoesler.art/>

Gal, 2023

Foto: Divulgação

